

# DO TEXTO PARA A BATALHA: A *FAMA* E O *RUMOR* NAS GUERRAS CIVIS (49 A 45 A. C E 68-69 D. C.)

Ygor Klain Belchior<sup>1</sup>

RESUMO: Este artigo tem como objetivo estudar os rumores evidenciados na literatura latina sobre as guerras civis entre César e Pompeu e o ano dos quatro imperadores. Para tanto, selecionamos dois vocábulos distintos, são eles, a *fama* e o *rumor*, e que pretendemos problematizar e explorar as várias e possíveis conexões entre os rumores com a política e as relações sociais resultantes dessa interação no ambiente da guerra, por meio de uma abordagem teórica que priorize uma nova visão dos rumores dentro da própria literatura clássica. Consideramos que o rumor, por se mostrar um ponto polêmico nas análises das fontes disponíveis sobre o período, já que é entendido apenas como artifício literário, pode ser um tema chave capaz de revelar aspectos importantes a respeito da interação dos agentes envolvidos em Guerras Civis.

PALAVRAS- CHAVE: Literatura Clássica, Retórica, *Rumor*, *Fama* e Guerras Civis.

ABSTRACT: This article aims at studying the rumors that were evidenced in Latin literature during the civil wars between Caesar and Pompey and the Year of the Four Emperors. For this study, I've selected two different words, *fama* and *rumor*, and I hope to discuss and explore all possible connections between them and the political and social relations in the war environment through a theoretical approach that prioritizes a new vision of the rumors inside classical literature. I believe that the rumors, though they could represent a controversial perspective on the available sources, for they are usually understood only as a literary device, they could be a key theme to bring to light aspects that will help us understand the interaction of the agents involved in Civil Wars.

KEYWORDS: Classical Literature, Rhetoric, *Rumor*, *Fama*, Civil Wars.

---

<sup>1</sup> O autor possui Graduação e Mestrado em História pela Universidade Federal de Ouro Preto. Atualmente é Doutorando em História Social pela Universidade de São Paulo, sob a orientação do Professor Norberto Luiz Guarinello, membro do Laboratório de Estudos sobre o Império Romano e Mediterrâneo Antigo (LEIR-MA/USP) e Professor de História Antiga na Universidade Federal de Ouro Preto. Para mais informações, acessar o sítio do grupo de pesquisas: <http://leir.fflch.usp.br/> ou o sítio pessoal do autor: <https://usp-br.academia.edu/YgorBelchior>. E-mail: [ykbelchi@usp.br](mailto:ykbelchi@usp.br).

### Introdução ao artigo

*O Rumor (fama) correu de uma só vez através das grandes cidades da Líbia.*

Vir. Aen. IV, 173.<sup>2</sup>

*“Nero não foi deposto pelas armas, mas por notícias (nuntiis) e rumores (rumoribus)”.*

Tac. Hist. I, 89

*“A Fama (fama) enganadora em medo verdadeiro se tornou”*

Luc. Bell. I, 469 -470

Em minha tese de doutoramento em História Social tenho como objetivo estudar o papel dos rumores que circulavam no ambiente das guerras civis através de uma ótica de que eles eram empregados como forma de obter alimento e apoio para as tropas que se desafiavam no campo (49 a 45 a. C e 68-69 d. C). Com o tempo, e com as evidências traçadas, pois os rumores foram muito bem documentados pelas fontes sobre os períodos, comecei a me deparar com os debates sobre o quão verídicos seriam esses rumores a tal ponto que pudessem sustentar uma pesquisa histórica. No entanto, antes de iniciar esse desafio, outro entrave importante também se apresentava como essencial a ser pensado. Afinal, o que era um rumor? Ou melhor, o que era um rumor para os antigos, ou seja, para aquelas fontes que tenho para sustentá-los como minhas evidências? Perguntas importantes para mim e desafios da minha pesquisa sobre os quais pretendo escrever, não para apenas relatar tudo o que não consegui responder, mas para relatar como posso estudá-los diferentemente daquilo que foi produzido sobre rumores nas guerras civis escolhidas.

Posso afirmar que nesse caminho foi me deparei com um interminável debate sobre como devemos classificar as evidências históricas que temos sobre os rumores antigos, cujas conclusões tendem a vê-los apenas como artifícios literários, brinquedos de um bom orador, que os usava para dar mais vivacidade a sua narrativa ou a si mesmo (Dinter, 2012, p. vii; 186). Por não concordar com essa proposta, afinal, pretendo fazer um trabalho no campo da História, é que me adentro neste debate com o objetivo de pensar o rumor não como uma evidência que deve ser apenas olhada pelo campo da literatura, mas também

---

<sup>2</sup> Extemplo Libyae magnas it Fama per urbes. Tradução minha.

pelo campo que pensa historicamente as guerras cívicas e as estratégias empregadas pelos generais que precisavam manter uma guerra. Esta que não funcionava aos moldes daquelas travadas com os inimigos externos, sempre supridas com as linhas de abastecimento confiáveis e contínuas.

Assim, para atingir meus objetivos com esse artigo, proponho a divisão do meu texto em três partes distintas: Esta introdução, onde apresentarei as evidências literárias que permitem este estudo e quais os vocábulos que selecionei em meu catálogo de fontes, assim como o porquê da minha escolha. Isso será importante para explicar, por exemplo, a minha tradução da epígrafe desta introdução, onde optei por traduzir o vocábulo *fama* por rumor, sendo que, em outra passagem, decidi manter a sua forma latina por considerar que em alguns casos a *fama* pode assumir um sentido e um mecanismo diferente daquele dos rumores. O mesmo vale para a primeira passagem citada na página anterior, onde é possível perceber que existe uma diferenciação clara entre notícias (*nuntius*) – em alguns casos podemos encontrar “carta” (*littera*) - dos rumores (*rumores*). Notícias não são apenas notícias e, sim, os meios em que ela circula alteram todo o resultado final da ação social e a escolha de um procedimento de análise equivocado também nos levará para outro caminho que não aquele que deveríamos ter traçado.

Na segunda parte, pretendo separar e isolar a *fama* e o *rumor* e olhar o estudo deles dentro das mesmas perspectivas literárias que temos disponíveis. Só que ao fazer isso, afirmo que me afastarei da leitura de uma retórica vista pelos olhos pós- modernos, “Hayden Whiteanos”, para os teóricos, ou, para os classicistas, as de Woodman, ambas contaminadas por algo que não é a retórica que minhas fontes aprenderam “na escola”<sup>3</sup>. Por último, pretendo, mesmo que indiretamente, indicar a importância que as teorias da ação coletiva proporcionaram para uma nova leitura das fontes, não só destacando a presença do meu objeto histórico, mas também evidenciando o processo de disseminação desses rumores, seus resultados e a dinâmica social que pode ser estudada por um historiador a partir deles.

E é com esse diálogo que me distanciarei de tudo aquilo que foi produzido sobre os rumores no período escolhido para minha tese. Sendo

---

<sup>3</sup> Isso não significa dizer que esta visão não tenha seus méritos e as suas contribuições aos debates. Cf. Belchior(2011).

assim, antes de prosseguir cabe dizer que, como recorte temporal do meu trabalho, escolhi duas guerras distintas que também foram travadas com palavras, uma na República moribunda e outra no Principado. Ambas, porém, possuem uma boa literatura que nos foi legada sobre os acontecimentos vivenciados durante a deflagração desses conflitos. São elas, as guerras civis travadas por César e Pompeu, entre 49 a 45 a. C, e as que tiveram lugar durante o ano de 69 d. C, também conhecido como o ano dos quatro imperadores. Sobre os relatos desses acontecimentos cabe dizer que temos uma rica literatura grafada em diversos gêneros, como os discursos em terceira pessoa escritos por Júlio César, a exemplo das *Guerras Civis*, a *Farsália*, de Lucano, uma poesia que relata o conflito entre César e Pompeu e as *Histórias*, que relatam o ano dos quatro imperadores, de Tácito. Além destas obras, cabe destacar outras contribuições importantes, que não tocam diretamente na questão dos rumores, mas que são relatos preciosos para entendermos os contextos que pretendemos estudar. São elas, as biografias intituladas *A vida dos doze Césares*, de Suetônio, e a *Vida de Galba e Otão*, de Plutarco, além da historiografia legada por Dião Cássio, em sua *História de Roma*, e Flávio Josefo, na obra *Guerras Judaicas*.

Cabe também afirmar que junto a essa documentação também procurei inserir outras contribuições que também são importantes para entendermos não só o contexto temporal estudado, mas também os diferentes sentidos empregados pelos autores latinos para os rumores. Para tanto, também utilizarei em minha análise obras produzidas próximas ao contexto por mim estudado, como as *Guerras Gálicas*, de César, os relatos sobre as *Guerras alexandrinas, africanas e espanholas*<sup>4</sup>, atribuídas a César, a *Eneida*, do poeta Virgílio, as *Metamorfoses*, do também poeta Ovídio, e a *História de Alexandre Magno* de Quinto Cúrcio (como exemplo - VI, 2, 15 - 5, 32), além das obras de Tácito, Plínio, o jovem e Marcial. Todas essas obras tocam em diversos aspectos dos rumores, nos dando uma ótima diretriz para diferenciarmos os dois vocábulos que até agora empregamos: *fama* e *rumor*, que vamos estudar dentro dos preceitos de composição retórica disponíveis na antiguidade clássica.

---

<sup>4</sup> Optei por traduzir o título dessa obra e de citar a sua atribuição a César porque utilizo a tradução para o inglês feita pela LOEB. Cf. CAESAR, Julio. *Alexandrian, African and Spanish wars*. With an English Translation by A. G Way. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press. 1988.

Na verdade, esse caminho será o próximo a ser trilhado, pois, e aqui passando para a conclusão de minha introdução, pretendo realizar na sequência deste texto uma discussão sobre a *fama* e o *rumor* na literatura por mim selecionada. E, como vamos falar de literatura latina, principalmente de diversos gêneros, creio que uma discussão sobre a retórica clássica também será necessária e inevitável. Afinal, uma leitura mais sociológica da retórica clássica pode proporcionar aos estudiosos outra visão para além do colorido e do drama construído por bons oradores. Ela pode revelar mecanismos sociais estudados e reavivar, ou até mesmo criar, uma nova memória sobre os funestos acontecimentos decorrentes de uma guerra civil.

*O “ambiente” da guerra civil.*

*“Eu vejo guerras, guerras horríveis, e o Tibre  
espumando com muito sangue”<sup>5</sup>.*

Virg. *Aen.* VI, 86- 87.

*“Correu sangue fraterno nos primeiros  
muros”<sup>6</sup>.*

Luc. *Bell.* I, 95

Confesso que, quando menino, nunca fui um adepto de círculos literários e nem de leituras públicas de poesia, principalmente aquelas que haviam sido escritas e proclamadas bem antes da sociedade que eu vivia à época. De certo, isso se dava porque realmente nunca tinha compreendido que o ato de fazer um texto ou um discurso era algo muito mais complexo do que simplesmente olhar para um papel ou para uma tela de computador e dizer as palavras que com certeza viriam à mente. Na verdade, essa minha compreensão pode ser justificada pela minha pequena pretensão de outrora em ler romances históricos que me colocassem diretamente no mundo romano, seja através da narrativa das inúmeras batalhas e de seus generais ou até mesmo as que se prendessem em personagens cotidianos, como os “exóticos” gladiadores e as

---

<sup>5</sup> Tradução minha.

<sup>6</sup> Tradução de Brunno V. G Vieira

mulheres que desafiavam uma sociedade que pouco dava espaço para elas. Era uma leitura infantil de um mundo desconhecido e que muito me interessava.

Mas, com o passar da idade, a minha compreensão sobre “um outro” mundo, o das palavras escritas e faladas, que antes acompanhava minhas parcas ambições nesse campo restrito ao lazer, começou a mudar e a se ampliar. Talvez o maior culpado dessa minha nova visão sobre aquele mundo, e há de se confessar, também do meu, seja algo muito conhecido por todos: a literatura greco-romana e seus mais diversos e ricos gêneros discursivos. Os mesmos que ficaram cada vez mais ricos, pelo menos para mim, quando passei a estudá-los através dos manuais discursivos que nos foram legados pelos antigos. A saber, a *Retórica*, de Aristóteles, o *Sobre o Orador*, de Cícero, *Educação Oratória*, de Quintiliano, o *Diálogo dos Oradores*, de Tácito, *Como se deve escrever a História*, de Luciano de Samósata, e, principalmente, *Retórica a Herênio*, um manual retórico atribuído a Cícero. Faço aqui uma breve referência a esta obra:

Visto, então, que desejamos ter um ouvinte dócil, benevolente e atento, explicaremos o que se pode fazer e de que modo. Poderemos fazer dóceis os ouvintes se expusermos brevemente a sùmula da causa e se os tornarmos atentos, pois é dócil aquele que deseja ouvir atentamente. Teremos ouvintes atentos se prometermos falar da matéria importante, nova e extraordinária ou que diz respeito à República, ou aos próprios ouvintes, ou ao culto dos deuses imortais; se pedirmos que ouçam atentamente e se enumerarmos o que vamos dizer. Podemos tornar os ouvintes benevolentes de quatro maneiras: baseados em nossa pessoa, na de nossos adversários, na dos ouvintes e na própria matéria ([Cic.] *Rhet.* I, 7 e 8)<sup>7</sup>.

Transformar o ouvinte em dócil e benevolente. Essas palavras de fato mexeram com minha cabeça. Afinal, um texto não é só aquilo que você escreve, mas é algo feito também para quem você escreve. E para tal, é preciso que um orador, que neste caso pode ser um poeta, um historiador e até mesmo um general contando suas façanhas, se embrenhe entre mais diversos exercícios de execução discursiva. Esse processo, também conhecido e apresentado por Antônio Martinez de Resende como o momento do *silêncio*<sup>8</sup>, era composto de

---

<sup>7</sup> Tradução de Ana Paula Celestino Faria e Adriana Seabra.

<sup>8</sup> Sobre o momento do silêncio, Antônio Martinez de Rezende se apoia na recomendação de Quintiliano: (*Inst.*, X, 7, 29) – “É preciso escrever, sempre que for possível, mas quando não é preciso meditar”. Cf. Rezende (2010).

inúmeros *exemplae* e *topoi* que poderiam ser imitados (*imitatio*) não só para escrever melhor, mas também para aprender técnicas que atuem diretamente no seu receptor, ou seja, que o faça mover para determinada ação (*mouere*). Uma dessas estratégias, a saber, era através da exposição de elementos que atuassem fornecendo uma imagem sobre aquilo que estava sendo proclamado. Ou, seguindo a recomendação de Tácito, cabe ao orador antigo à elaboração de um discurso tão bem trabalhado e formulado “que deleite a visão e os olhos” dos seus ouvintes (Diálogo dos Oradores, XXII). Afinal, era preciso ver o que estava sendo falado<sup>9</sup>.

Um bom exemplo desta preocupação pode ser extraído desta mesma obra citada anteriormente. Em *Diálogo dos oradores* é possível perceber que o *auctor* nos apresenta elementos críticos e textuais interessantes, principalmente quando se refere ao gênero “Anais” como sendo composto por frases de “tardia e deselegante estrutura” (Tácito. Dial. XII), completamente desvinculado da vividez que é proporcionada pelas ornamentações e licenças poéticas. A culpa disso, segundo o *auctor*, recairia nos ouvidos exigentes da plateia que ansiavam por composições que fossem retiradas “do santuário de Horácio, de Virgílio e de Lucano” (Tácito. Dial. XX). Para tanto, era necessário que os oradores de seu tempo dialogassem com os poetas no intuito de que seus discursos pudessem ser mais visíveis e, portanto, mais convincentes.

Esse processo retórico era feito basicamente através de dois mecanismos discursivos: a *enargeia* e a *ékphrasis* (Ginzburg, 1989, p. 215-232; 2002). Tal como a *enargeia* (ou *evidentia*), a *ékphrasis* tinha a função de colocar diante dos olhos dos ouvintes as palavras que eram proferidas pelo orador - (Retórica a Herênio, IV, 59) – gerando, assim, um efeito de “visibilidade” do discurso proferido. Dessa maneira, a *ékphrasis* aparecia então com uma dupla condição: como o objetivo das narrativas historiográficas e como geradora da *enargeia*, ou seja, do “efeito de verdade”. Essa reflexão também pode ser evidenciada pela seguinte passagem da *Retórica* de Aristóteles:

---

<sup>9</sup> Realizo uma discussão maior sobre essa temática no capítulo dois da minha dissertação de mestrado, onde discuto o papel das guerras civis como *evidentia*, na historiografia Taciteana. Cf. Belchior (2012).

Se o temor é isto, forçoso é admitir que as coisas temíveis são as que parecem ter um enorme poder de destruir ou de provocar danos que levem a grandes tristezas. É por isso que os sinais dessas eventualidades inspiram medo, pois mostram que o que tememos está próximo. O perigo consiste nisso mesmo: na proximidade do que é temível (Aris. *Reth.* II, 1382a)<sup>10</sup>.

Como também, posso apresentar as palavras de Pseudo-Longino,

Quando representas como acontecendo no presente fatos ocorridos no passado, farás do discurso não mais uma narrativa, mas um drama real (L. *Subl.* XXV)<sup>11</sup>.

No caso da leitura e da poesia sobre as guerras civis, nada melhor do que ambientar o ouvinte em uma cidade sitiada em seus muros sagrados, com seus templos profanados e saqueados, e com o seu rio, que também era uma divindade, se enchendo de sangue de fratricídios. Assim, também aproveito para justificar por que tive o cuidado de citar algumas passagens, até certo ponto extensas, como a de Virgílio, em partes posteriores do meu texto. A minha ideia, como tal, foi a de situar o leitor em duas descrições que considero sublimes, para usar o tom deixado por Longino, e que criam o ambiente ideal para falarmos sobre a *fama* e o *rumor* nas guerras civis romanas. O rumor derruba imperadores mais do que as armas. A *fama*, que nesse contexto é a de César e seu exército de enormes e cruéis cavaleiros bárbaros (Luc. *Bell.* I, 469 – 479), mesmo sendo falsa, transforma tudo em medo e facilita a entrada do general em Roma. O Senado foge com Pompeu. A fuga teve que ser às pressas, afinal, nem levaram o ouro de Saturno. Os bárbaros inimigos estão a caminho e vão profanar os nossos templos em busca de ouro – “ó fome de ouro! As leis, desprezadas, perecem rodas sem distinção” (Luc. *Bell.* III, 118- 120). Medo, perigo e profanação! Bem, acho que nem é preciso comentar que a besta de olhos e penas, tal como descrita por Virgílio, não assustaria ao gritar pelas cidades as inverdades que serão tomadas como notícias verdadeiras. A *fama* e o *rumor* são elementos discursivos fortes e assustadores e que vão atingir a *fides* dos ouvintes.

---

<sup>10</sup> Tradução de Manuel Alexandre Junior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena.

<sup>11</sup> Tradução de Jaime Bruna.



Dentro dessa mesma leitura literária da guerra civil, podemos encontrar autores que demonstram uma preocupação bem semelhante àquela que estamos trilhando até o momento. Essa abordagem posta em prática pode ser ilustrada pelas reflexões contidas na obra de Philip Hardie, intitulada *Rumour and Renown: Representations of 'Fama' in Western Literature*. Nesta obra, o autor apresenta uma reflexão bem centrada em estudar a aplicação da *fama* e do *rumor* na literatura ocidental através da ótica de que esse emprego nada mais era do que uma estratégia retórica para dar mais *fama* (importância, ressonância e até veracidade) ao próprio discurso. No caso, por exemplo, do capítulo sétimo, onde analisa historiadores como Tito Lívio e Tácito, Hardie procura analisar a *fama* como uma forma de dar veracidade (*facta*) aquilo que estava sendo narrado, mas também, como no caso dos *Anais*, como uma forma de dizer que os rumores e a *fama* (entendida aqui como reputação) eram sempre manipulados para servir as necessidades do *princeps*, isso dentro de um ambiente, de complôs, fofocas e muito medo. Outro exemplo interessante, e que vai ao encontro da passagem do Canto IV de Virgílio, já mencionada, é como Hardie observa a descrição monstruosa da *fama*, ou do rumor, antes de falar sobre o relacionamento de Eneias com Dido. Para ele, essa criatura personificada serviria para criar o enredo, uma trama que seria travada pelo protagonista ao longo de todo o Canto IV (Hardie, 2012).

O Rumor correu de uma só vez através das grandes  
cidades da Líbia. Rumor, nenhum mal é mais  
rápido. Ele floresce velozmente e ganha força com o  
seu movimento: primeiro limitado pelo medo, ele  
logo atinge o céu, anda no chão, e esconde a cabeça  
nas nuvens. A Deusa Terra, incitada a ira contra os  
deuses, é o que dizem, deu seu último, um monstro,  
grande e terrível, de asas rápidas e de pés rápidos,  
irmão de *Coeus* e *Enceladus*, que para cada pena em  
seu corpo tem a mesma quantidade em olhos  
atentos (conto maravilhoso), como em muitas  
línguas que falam, como em muitos ouvidos para  
escutar.

Ele voa, gritando, de noite pelas sombras entre a terra e o céu, nunca fechando as pálpebras em doce sono: por dia, ele fica de guarda em telhados ou torres altas, e assusta grandes cidades, tenaz como um mensageiro da verdade.

Agora em deleite ele encheu os ouvidos dos países com fofocas sem fim, cantando fato e ficção de igual maneira: Enéias chegou, nascido de sangue de Troiano, um homem a quem a bela Dido se digna a se unir: agora eles estão gastando todo o inverno juntos em indulgência, esquecendo sua realeza, presos pela paixão sem vergonha” (Virg. *Aen.* IV, 173- 194)<sup>12</sup>.

Ver o perigo e esperar algo dele, se prevenir. Mas também criar o perigo e mobilizar a ação desejada pelo discurso. O observador agora tenta agir sobre os agentes outrora observados. O ambiente é a *pólis*, é a *urbs*, é a cidade e seu centro: os homens políticos. É uma dinâmica até certo ponto complexa e racional que a meu ver necessita de um orador com bom conhecimento sobre a experiência humana, seja através de sua história ou da memória construída a respeito dela. Assim sendo, algo bem próximo ao que o *retor* Quintiliano, em sua *Educação Oratória*, descreve quando afirma que “a história, por sua vez pode também alimentar o orador, como se fosse por uma qualidade de seiva ricamente nutritiva e saborosa” (Quint. *Inst.* X, 1, 31, 1). A história nutre aquele que irá para uma batalha de palavras. Ela o deixa mais forte!

Mas seria só isso? O quão difícil era para um orador, neste caso um historiador, ornamentar uma guerra civil? Fazer sentir o perigo de ter a sua cidade sitiada por tropas romanas compostas por “bárbaros”? Seria essa ornamentação apenas recurso literário? Apenas para dar veracidade? Seria apenas uma licença dada aos poetas? Enfim, creio que estas são perguntas importantes e necessárias para trazermos nosso objeto para outro campo que até então foi pouco abordado: a História. E, para tal, nada melhor do que deixar um grande historiador responder nossas inquietações. Cito as palavras de Tácito

---

<sup>12</sup> Tradução minha.

contidas em seu proêmio sobre a narrativa dos acontecimentos das guerras civis de 69:

Estou entrando na história de um período rico em desastres, assustado em suas guerras, dilacerado por conflitos civis, e até mesmo na paz cheio de horrores. Quatro imperadores pereceram pela espada. Houve três guerras civis, mais que contra os inimigos estrangeiros, embora havia também muitas vezes guerras que tinham os dois caracteres ao mesmo tempo (Tac. *Ann.* I, 2)<sup>13</sup>.

Nessa matéria rica em desventuras não cabe ao orador um exercício que exija a aplicação de grandes técnicas retóricas e nem muitos ornamentos. Tácito justifica isso ao afirmar que o período por si só já seria de grande valia para conquistar a atenção dos ouvintes, e que a instabilidade à qual estavam sujeitas aquelas pessoas que vivenciaram três guerras civis, servia para captar a benevolência de sua plateia por diversas vias: através da amplitude dos fatos e da importância atribuída aos exemplos narrados. Nesse intuito, nada melhor ao bom orador do que recorrer à verossimilhança das ações humanas, do comportamento humano, e das vicissitudes que derivaram da interação entre eles. Ou seja, seria algo parecido com “eu vejo porque já vi, ou pelo menos, imagino que poderia ser assim ou se passado desta maneira”. Nesse sentido, o que podemos apontar em matéria discursiva, principalmente em se tratando de discursos sobre as guerras civis romanas, é que presente (ação sublime de um discurso), passado (a experiência humana que ambienta esse discurso) e o futuro (ação provocada pelo discurso)<sup>14</sup>, estão muito presentes e atuantes nas fontes que analisaremos ao longo deste trabalho. Isso fica mais evidente se atentarmos para a seguinte passagem de Lucano quando o poeta se refere aos sentimentos que os idosos traziam das guerras civis entre Mário e Sula:

fere a um tempo dois chefes  
e os partidos rivais, enquanto o não merecem.  
Com tanta profusão de crimes jamais vistos  
ambos disputam quem na urbe imperará?

---

<sup>13</sup> Tradução minha.

<sup>14</sup> Traduzido para o latim como *delectare* (deleitar), *docere* (ensinar) e *mouere* (mobilizar para uma ação).

Guerras civis mover só tinha um valor  
se contra os dois. Assim caduca a piedade  
reclamou. Mas os pais dor própria lhes tocava,  
a tarda hora fatal os idosos odeiam,  
à outra proscricção civil sobreviventes.  
Um deles lembrando as fontes de seu pânico  
'Não outros transes', diz, 'os fados preparavam  
quando Líbios e Teutões já vencedor,  
Mário, no exílio, abrigo teve em limbo.  
(Luc. *Bell.* II, 59 – 70)<sup>15</sup>.

Essa passagem de Lucano, extraída da obra *Farsália*, publicada em 65 d. C, sob o governo de Nero, talvez seja extraordinária para amarrarmos o nosso argumento até aqui. Sobre o poema em questão, ele é classificado como pertencente ao gênero épico e é composto por dez livros que descrevem a disputa entre César e o Senado. Sua obra chegou até os dias de hoje inacabada. Para alguns pesquisadores e tradutores da obra<sup>16</sup>, é possível afirmar que a ideia de Lucano era a de terminar a sua obra com a morte de César, em Março de 44 a.C. Contudo sua narrativa é interrompida abruptamente no contexto das operações militares de César em Alexandria, no inverno de 48-47 a.C. Nesta obra, é possível perceber claramente o emprego da memória de como a guerra civil era avassaladora e também como os mesmos mecanismos de combates, de proteção e de busca por informações continuavam a ser os mesmos em temporalidades distintas. Afinal, a guerra entre Mário e Sila está presente nas guerras entre César e Pompeu, ao mesmo tempo em que estas são utilizadas pelo orador para atuar no presente e também no futuro. Afinal, é de se esperar que o colorido e a memória deixada pela poesia de Lucano tenha tido ao menos um pequeno lugar nos acontecimentos das guerras civis de 69.

A guerra civil, portanto, possui uma história e um mecanismo que pode ser atestado pelo passado e pelas ações humanas no presente, inclusive em sua forma narrativa. Isso também pode ser justificado demonstrando que a guerra civil, como um mecanismo literário, também poderia ser empregada, e assim o foi, como uma metáfora para descrever e até mesmo ampliar com conflitos

---

<sup>15</sup> Tradução de Brunno V. G. Viera.

<sup>16</sup> Dentre eles Brunno V. G. Viera. Cf. sua edição da obra de Lucano (2011).

políticos durante o Principado. Um exemplo disso também pode ser extraído de Tácito quando, em *Anais*. IV, 17, 3, afirma que: “a isso dava todo motivo Sejano, que lhe afirmava estar já Roma dividida em partidos como nos tempos das guerras civis”. Ou seja, ao lermos todas as fontes utilizadas nesta pesquisa é possível estudar os acontecimentos narrados, a situação das províncias, os medos em Roma, mas, principalmente, os rumores, como objetos históricos que possuem um mecanismo de ação que também pode ser encontrado e atestado. Como este exemplo trazido por César:

Aqueles Estados que consideram organizar as coisas públicas mais judiciosamente, têm prescrito por leis que qualquer pessoa que tenha aprendido algo importante para a comunidade com os seus vizinhos, seja pelo *rumor* ou pela *fama*, deverá transmiti-lo ao magistrado, e não comunicá-lo a qualquer outro comum, pois os homens imprudentes e inexperientes foram por muitas vezes alarmados com falsos rumores e assim foram impelidos a cometer crimes e medidas precipitadas em assuntos da mais alta importância. É da função do Magistrado esconder as coisas que necessitam ser mantidas desconhecidas da multidão. Não é lícito falar sobre a comunidade, exceto em assembleia (Caes. *BG*. VI, 20)<sup>17</sup>.

Mesmo não falando especificamente de nenhuma guerra civil por nós escolhida, esta passagem de César foi trazida para este trabalho justamente por trazer elementos muito importantes para a nossa análise. Em uma guerra, as palavras são muito importantes, já que a busca por informações é intensa. Os exércitos se movem e necessitam de apoio, de suprimentos e de água. As cidades se fecham. Deliberam. Qual candidato apoiaremos? Nos rendemos ou defendemos? Quanto de suprimento temos? Quanto aguentaremos? Já, as informações são restritas, são colocadas apenas no nível de rumores. Porém, estes têm pouca amplitude, já que são colhidos em comunidades vizinhas ou são internos a própria comunidade de origem. Quem escolherá a informação certa? Pois, se não fiscalizados pelas autoridades, podem atingir níveis alarmantes. E, dentro de uma guerra, com toda aquela retórica descritiva de seu clima de tensão, medo e instabilidade, uma convulsão interna contra as autoridades ou qualquer pânico que atrapalhe as defesas e as vigias, todos podem ser funestos.

---

<sup>17</sup> Tradução minha.

Nesse sentido, a retórica mais uma vez é reveladora, já que descreve essas comoções e esses eventos de uma forma bem detalhista, quase que no nível de um estudo sociológico e psicológico dos personagens envolvidos. Pois, correr para determinado templo, inquirir comerciantes e viajantes, buscar informações no Campo de Marte, mesmo local que iam para as eleições, se proteger, deliberar e até mesmo agir em prol de determinado partido espalhando rumores não são apenas elementos empregados para o deleite ou para se criar um ambiente da guerra. Pois, todas as essas ações, a meu ver, são mais do que simples ornamentações, elas revelam práticas do cotidiano destas guerras, como a interação entre os seus agentes, seus mecanismos de ação, quais eram os tipos de rumores que circulavam, qual a sua amplitude, como eram recebidos, por quem e, principalmente, seus resultados: a ação social dos agentes. Sendo assim, em minha tese de doutoramento em História Social tenho como objetivo estudar o papel dos rumores que circulavam no ambiente das guerras civis através de uma ótica de que eles eram empregados como forma de obter alimento e apoio para as tropas que se desafiavam no campo. O rumor, como tal, passa a ser um instrumento muito importante para vencer seus inimigos!

*Finalmente, do texto para a batalha: “o nosso modelo”.*

Segundo os renomados *The Oxford Latin dictionary* e o *A Latin Dictionary*, editado por Charlton T. Lewis e Charles Short, e mesmo com as diferenças claras entre eles no emprego das fontes, os vocábulos *fama* e *rumor* possuem basicamente o mesmo significado. Ou seja, justificando até a livre tradução de uma pela outra. Cito os verbetes: *Fama*: “the talk of the multitude, like rumor, either as relating or as judging”. Por outro lado, o significado de *rumor* também aparece nesse mesmo sentido, ou seja, como “the talk of the many, whether relating facts or expressing opinions”<sup>18</sup>. Como se vê, nossa preocupação em apresentar a *fama* e o *rumor* como uma dificuldade inicial deste artigo foi justificável. Afinal, apesar das diferenças expressas nas fontes, eles possuem basicamente o mesmo tratamento: são rumores. E até então, como tal, foram tratados no campo literário.

---

<sup>18</sup> Os verbetes citados foram extraídos do *A Latin Dictionary*. Founded on Andrews' edition of Freund's Latin dictionary. revised, enlarged, and in great part rewritten by. Charlton T. Lewis, Ph.D. and Charles Short, LL.D. Oxford. Clarendon Press. 1879.

Sendo assim, o maior exemplo aplicado da metodologia que estou tentando adotar é a obra “El gran panico de 1789: La revolución Francesa y los campesinos”, de Georges Lefebvre, que viveu entre 1874 a 1959. Por exemplo, o primeiro capítulo de “O Grande Medo de 1789” é intitulado “A Fome” e inicia-se com uma citação de Taine da obra *O Antigo Regime*: “O povo assemelha-se a um homem que caminha dentro de um lago com água até a boca; à menor depressão do solo, à menor flutuação, perde o pé, afunda e se afoga” (Lefebvre, 1979, p. 28.). É o materialismo histórico expresso na consciência do terceiro Estado. Mas não é somente um terceiro Estado, uno, mas uma coletânea de diversas mentalidades, que eram influenciadas por grandes estruturas históricas, como economia, o antigo regime, a situação camponesa, os errantes e até mesmo os motins, mas que serão estudados em sua localidade específica, sua regionalidade geográfica e até mesmo psicológica, através de objetos históricos nada convencionais para o historicismo alemão, como os rumores.

O “grande medo”, neste caso, passa a ser visto por ele de uma maneira diferente, bem distante da ideia dissolutiva e até certo ponto irracional, tal como apresentado pelas discussões contidas na obra entre Lefebvre e Taine, por exemplo (Lefebvre, 1979, p. 25). Pois, através da análise de sua obra é possível perceber que os alertas e os rumores que circulavam sobre um possível “complô aristocrático” não provocavam caos, violência e dissolução social. Ao contrário. Eles nos auxiliam a compreender as diferentes causas de insatisfação dos agentes envolvidos e quais tipos de manifestações que eles tomavam a partir delas, seja nas cidades ou nas diversas regiões do campo. Pois, e talvez a conclusão mais impressionante deste estudo, foi possível perceber que na medida em que os rumores se alastravam, as cidades passavam a reforçar as suas defesas e a atenuar a paz, inclusive expondo redes de solidariedade internas e até mesmo esboços de recrutamento em massa para proteger as suas comunidades (Lefebvre, 1979, p. 281-291).

Em suma, o que foi possível perceber ao longo desta exposição é que existe uma preocupação muito focada em entender os movimentos sociais, como as ações de massa decorrentes de rumores, através de uma ótica que varia entre o entendimento dos conflitos como algo natural da sociedade e que é expresso dentro das normalidades impostas pelos mecanismos de controle

social. Sendo assim, como apontado pela obra de Lefebvre, é possível observar a ação social e os movimentos decorrentes dela, principalmente os impulsionados pelos rumores, através dessa ótica. Portanto, nosso interesse aqui residirá em uma Guerra Civil “vista por baixo”, ou seja, para além das batalhas, dos grandes eventos e dos grandes nomes, mas focada no estudo das interações sociais entre os agentes envolvidos em relação com as estruturas históricas de cada período escolhido. E, é claro, empregando um assunto de “pouca importância”, como os rumores.



## **Bibliografia**

### *Obras de Referência*

*A Latin Dictionary*. Founded on Andrews' edition of Freund's Latin dictionary. Revised, enlarged, and in great part rewritten by. Charlton T. Lewis, Ph.D. and Charles Short, LL.D. Oxford. Clarendon Press. 1879.

Oxford Latin Dictionary. Second edition (April 1, 2012). New York: Oxford University Press, USA, 2012

### *Fontes*

ARISTÓTELES. *Retórica*. Tradução de Manuel Alexandre Junior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. Lisboa: Biblioteca de autores clássicos, 2005.

CÍCERO. *De oratore*. In: SCATOLIN, Adriano. A invenção no Do Orador de Cícero: Um estudo à luz de Ad Familiares I, 9, 23. 2009. Tese (Doutorado em Letras Clássicas) – Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2009.

[CÍCERO] *Rethorica ad Herenium*. Translated by Harry Caplan. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1999. (Col. The Loeb Classical Library)

[CÍCERO] *Retórica a Herênio*. Tradução de Ana Paula Celestino Faria e Adriana Seabra. São Paulo: Hedra, 2005.

CAESAR, Julio. *Alexandrian, African and Spanish wars*. With an English Translation by A. G Way. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press. 1988.

CESAR, Julio. *The civil wars*. With an English Translation by A. G Peskett. Edited by G. P Gool. Edinburgh: St Edmundsbury Press Ltd. 1990.

CAESAR. *The Gallic War*. With an English translations by H. J. Edwards. Bungay: Richard Clay. 1986.

CÉSAR, JÚLIO. *Comentários sobre as guerras civis*. Tradução de Antônio da Silveira Mendonça. São Paulo: Editora Estação Liberdade, 1999.

*Dio's Roman History*. English translation by Earnest Cary. London: William Heinemann, 1961. ( The Loeb Classical Library ).

JOSEPHUS. *The Jewish war*. Translated by H, ST. J. Thackeray. University Press: Loeb Classical Library, 1927.

LONGINO. *Do Sublime*. Introdução Roberto de Oliveira Brandão; Tradução do grego e do latim de Jaime Bruna. 7ª edição. São Paulo: Cultrix, 1997.

LUCAN. *The civil war* (pharsália). Translated by J. D. Duff. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1928. (Col. The Loeb Classical Library).

LUCANO. *Farsália*: Cantos I a V. Introdução, tradução e notas de Bruno V. G. Vieira. Campinas: Editora Unicamp, 2011.

PLUTARCO. *Vidas de Galba e Otão*. Tradução do Grego, Introdução e Notas de José Luís Lopes Brandão. 1ª Edição. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos. 2010.

QUINTILIANO. “Educação oratória” (Livro X). In: RESENDE, Antônio Martinez de. *Rompendo o silêncio: a construção do discurso em Quintiliano*. Tradução de Antônio Martinez de Resende. Belo Horizonte: Crisálida, 2010.

SUETONIO. *Vida dos Doze Césares*. Rio de Janeiro: Ediouro, s/d. (Coleção Universidade de Bolso).

VIRGÍLIO. *Eneida*. Trad. José Victorino Barreto Feio e José Maria da Costa e Silva. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

TACITE. *Annales*. Texte établi et traduit par Henri Goelzer. Paris: Société d'édition “Les Belles Lettres”, 1953. 3vv.

TACITUS. *The Annals*. Translated by A.J. Woodman. Indianapolis/Cambridge: Hackett Publishing Company, 2004.

TÁCITO. *Anais*. Tradução de J.L. Freire de Carvalho. São Paulo: W.M. Jackson Inc. Editores, 1952 (Clássicos Jackson, Vol XXV).

TÁCITO. *Obras Menores*. Tradução de Agostinho da Silva. Lisboa: Livros Horizonte, 1974.

TÁCITO. *As Histórias*. Tradução de Berenice Xavier. Rio de Janeiro: Athena Editora, 1937.

TACITUS. *The Histories*. Translated by Kenneth Wellesley. London: Penguin, 1995.

TÁCITO, Cornelio. *Agrícola, Germania, Diálogo sobre Los Oradores*. Traducción J.M. Requejo. Madrid: Editorial Gredos, 2008.

### *Referências Bibliográficas*

BATSTONE, William W. Postmodern historiographical theory and the Roman Historians. In: FELDHERR, Andrew (org.). *The Cambridge Companion to the Roman Historians*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009, p. 24 – 41.

BELCHIOR, Ygor Klain. A história como um romance? Uma discussão da contribuição teórica da vertente pós-modernista para os estudos sobre a historiografia Taciteana. *Revista Ágora* (Vitória), v. 7, p. 1-22, 2011.

\_\_\_\_\_. *Tácito e o principado de Nero*. 2012. 156 f. (Dissertação de Mestrado em História) - Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2012.

\_\_\_\_\_. “Aquele único e longo ano de Galba, Otho e Vitélio” (TÁC. Dial., 17): as guerras civis de 69. *Romanitas: Revista de Estudos GrecoLatinos*, v.1, p.170 - 187, 2013.

BENTLEY, Michael. *Companion to Historiography*. London: Routledge, 1997.

BUZZI, Stéphane. Georges Lefebvre (1874-1959), ou une histoire sociale possible. *L'histoire sociale en mouvement*, França, n. 200, Mar. 2002.

COLLINGWOOD, R. G. *A ideia de História*. Lisboa: Editorial Presença, 2001.

DINTER, Martin. *Anatomizing Civil Wars: studies on Lucan's Epic Technic*. Ann Harbor: University of Michigan Press, 2012. Pp. viii – 186.

ERSKINE, Andrew. *A companion to Ancient History*. Oxford: Blackwell Publishing, 2009.

GINZBURG, Carlo. “Ekphrasis e citação”. In: *A micro-história e outros ensaios*. Tradução de António Narino. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989, pp. 215-232;

GINZBURG, Carlo. *Relações de força: História, Retórica e Prova*. Tradução de Jônatas Batista Neto. São Paulo: Companhia das letras, 2002.

HARDIE, Philip. *Rumour and Renown: Representations of 'Fama' in Western Literature*. *Cambridge Classical Studies*. Cambridge; New York: Cambridge University Press, 2012.

LEFEBVRE, Georges. *O grande medo de 1789: os camponeses e a Revolução Francesa*. Rio de Janeiro: Campus, 1979.

WHITE, Hayden. “The Modernist Event”. In: *Figural Realism: studies in the mimesis effect*. Baltimore: The John Hopkins University Press, 2000, pp. 66 – 86.

WHITE, Hayden. *Meta- História: a Imaginação Histórica do Século XIX*. Tradução de José Laurêncio de Melo. São Paulo: EDUSP, 1992.

WOODMAN, A. J. *Rhetoric in Classical Historiography*. Taylor & Francis Library, 2004.

\_\_\_\_\_. *The Cambridge Companion to Tacitus*. Edited by A. J. Woodman. New York: Cambridge University Press, 2009.

\_\_\_\_\_. History and Alternative Histories: Tacitus. In: *Rhetoric in Classical Historiography*. London and New York: Routledge, 1988, pp. 160-196.